

Notas e Comentários

DOIS LIVROS RECENTES SOBRE TEIXEIRA DE PASCOAES

Em Setembro deste ano de 2006, vieram a público dois livros, cuja relevância para a crítica e para a divulgação da obra do Poeta-Filósofo-Profeta da Saudade importa realçar.

O primeiro é um estudo hermenêutico com base numa tese de doutoramento. O segundo é um romance.

Do primeiro publica-se aqui uma apresentação, feita em Amarante no dia 25.11.06.

Do segundo, publicar-se-á no próximo número desta revista. Eis a sua ficha bibliográfica:

LUÍSA BORGES, *O Lugar de Pascoaes. Epifanias da Saudade Revelada*, Porto: Edições Caixotim, 2005, 502 pp.

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO, *Viagem a Pascoaes. Romance*, Lisboa: Ésquilo, 2006, 175 pp.

1. O livro de Luísa Borges, ora em apreço e divulgação ao público leitor amarantino, surge num tempo da crítica literária à obra de Pascoaes, que bem pode chamar-se hora da reavaliação; entenda-se hora histórica que não se mede por minutos, ou dias, mas por dezenas de anos.

Com efeito e como é sabido, a atenção da crítica, bem como a aceitação dos leitores à obra do Poeta do Marão foi oscilante, já em vida do seu autor. A marca neo-romântica da sua poesia, dando-lhe um tom de fim de época, fez com que fosse gradualmente preterida pelo gosto e movimento modernista, surgido pouco depois, e pela escola neo-realista mais tarde. O Saudosismo, como doutrina filosófico-religiosa nacionalista, erguido como bandeira ideológica do movimento cultural e sócio-político “Renascença Portuguesa”, em 1912, foi muito contestado por António Sérgio e pelo grupo racionalista-crítico da “Seara Nova”. Não tendo êxito na sua campanha saudosista, mantida até 1919, o Poeta refugia-se em Gatão e aí residirá, solitário, até ao fim da vida.

Passou a escrever mais em prosa que em verso e a rever a sua poesia para a edição de autor das Obras Completas, publicadas entre 1929 e 1934. Neste ano inicia o período das grandes biografias, aprofundando e alargando o seu pensamento metafísico-religioso, agora mais voltado para o Homem universal do que para o Homem português.

As biografias dos santos acarretaram-lhe algumas críticas severas no meio católico, denunciando a sua heterodoxia, a começar pelo S. Paulo, que o próprio Leonardo Coimbra, seu grande admirador e amigo, também estigmatizou, não apenas como obra herética, mas até como livro perturbador, e mesmo irritante para alguns leitores, entre os quais se coloca.

O contraste com a cultura socialmente dominante, que já vinha das décadas anteriores, gerando o esquecimento e o desinteresse por uma obra que era tida como provinciana, rural e conservadora, acentua-se depois da sua morte em 1952, e transforma-se em silêncio, depois de Abril de 1974. Até porque, pouco tempo depois, assistimos no nosso meio político-cultural, a uma autêntica e intencional mitificação do seu émulo Fernando Pessoa.

Entretanto, esta maré baixa na recepção da obra pascoaesiana chegou ao seu termo e iniciou-se a subida das águas; entramos na hora da revisitação. Prenunciada pela publicação das “Obras Completas de Teixeira de Pascoaes”, entre 1965 e 1975, edição crítica organizada e introduzida por Jacinto Prado Coelho, e pela primeira dissertação de doutoramento numa Universidade portuguesa, em 1976, na Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa, a hora da revisitação situa-se entre o centenário do nascimento do Poeta e o cinquentenário da sua morte – 1977/2002.

Neste período e até ao ano 2000, para além das abordagens vindas da área da “Filosofia Portuguesa” e do Surrealismo, temos como marcos salientes a obra comemorativa do centenário do nascimento organizada pela Secretaria de Estado da Cultura, em 1980; o início da publicação das “Obras de Teixeira de Pascoaes”, em 1984, pela editora “Assírio e Alvim”, de que já saíram 17 volumes com prefadores escolhidos; a defesa, nos anos noventa, de seis dissertações de doutoramento nas Universidades Portuguesas, que deram origem a quatro livros já publicados; foram além disso publicados mais dez livros, seis opúsculos, seis números especiais de revista ou com pasta temática sobre Pascoaes; realizou-se um colóquio na Universidade Católica, Centro Regional do Porto, em 1995; foi instituído o “Prémio de Poesia Teixeira de Pascoaes” pela Câmara Municipal de Amarante com periodicidade bianual, em 1997; e estão ainda bem presentes na memória de todos, as comemorações do cinquentenário da morte do Poeta no ano de 2002/2003, levadas a efeito aqui em Amarante de que resultaram algumas publicações, como a *Fotobiografia de Teixeira de Pascoaes*, da autoria de António Mega Ferreira.

Finalmente, na história da nossa crítica literária, chegou a sua hora. E somos levados naturalmente a perguntar: porquê e agora esta maré enchente?

A resposta não pode ser senão a descoberta, mais ou menos sentida ou explicitada, de que a obra poética, filosófica e religiosa de Pascoaes, a sua sensibilidade e o seu pensamento, se coadunam com a mentalidade destes tempos ditos pós-modernos, com marco divisório em 1989. Ultrapassada a idolatria da Razão iluminista e do cientismo anti-religioso, reconhecido o exagero da notícia e proclamação

da morte de Deus, assistimos à libertação e ressurgimento da inquietação metafísica e do sentimento religioso, como fuga ao vazio de sentido, quer da existência individual, quer da história, com fim já anunciado. Há uma vaga de misticismo naturalista, envolta embora na névoa da irracionalidade, que se revela na procura e retoma de antigas tradições simbólicas, sobreviventes aos avatares da modernidade, ou na criação de novos ídolos, resultantes da tendência mitificadora do espírito humano, agora potenciada pela cultura de massas e pela manipulação dos “media” contemporâneos, em expansão descontrolada.

2. Ora, é neste momento e maré alta da religiosidade e da história da crítica literária sobre a obra pascoaesiana – hora de revisitação, que surge este livro de Luísa Borges *O Lugar de Pascoaes*, subtintulado: *Epifanias da Saudade revelada*.

É dele que passamos a falar.

Começemos pela autora: nascida em Lisboa em 1962, licenciou-se em filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; obteve o grau de Mestre na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e fez o Doutoramento em Literatura na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Este currículo académico não podia ser mais adequado à elaboração de uma dissertação crítica de uma obra vasta e diversificada, englobando variados géneros literários, como a do Poeta, Filósofo e Profeta da Saudade. É actualmente Professora, investigadora e ainda co-Directora do Colégio 5 Dias Felizes, uma escola de artes para crianças.

Que trará de novo este ensaio, como modestamente lhe chama a sua autora, depois das seis teses de doutoramento em Universidades Portuguesas, já referidas, e de tantos outros livros a enriquecer esta hora de revisitação da obra pascoaesiana?

Quando se quer realçar a novidade de um livro, em confronto mais ou menos vasto com os congéneres anteriores, costuma dizer-se: este é o livro que ainda faltava.

Pois, no caso presente é este exactamente o meu juízo. O ensaio crítico “*O Lugar de Pascoaes*” distingue-se de todos os outros, porque estudou toda a escrita do vate amarantino na sua variedade de géneros, na sua evolução diacrónica e na sua unidade de fundo. Distingue-se pela globalidade e profundidade.

Refiro-me apenas às dissertações de doutoramento pela reconhecida exigência de cientificidade, ou seja, de método e originalidade, a que são submetidas. Todas as outras são mais ou menos parcelares. Uma analisa a produção literária de Pascoaes, descrevendo-a sumariamente e entrelaçando-a com aspectos da sua personalidade e da sua biografia; outras debruçam-se apenas sobre uma dimensão ou valência dessa produção, como a Filosofia da educação ou a Literatura; uma só se apresenta como estudo hermenêutico e crítico do pensamento de Pascoaes, mas ainda esta não se atreveu a qualificar esse pensamento, tendendo a finar-se na qualificação poético-literária de pensamento saudoso.

A Doutora Luísa Borges indica-nos qual é o lugar de Pascoaes na Literatura, na Filosofia e na Religião; estas são as três partes em que se divide o livro; e diz expressamente: “Tratou-se de descrever aqui, a partir de um ‘corpus’ variado (poesia, ensaio filosófico, político e teológico, novela, teatro, biografia romanceada...) uma paisagem emocional: a obra de Teixeira de Pascoaes e o lugar que ela ocupa,

ou deveria ocupar, no seio da Cultura portuguesa, isto é, na Literatura, na Filosofia e na Teologia portuguesas”.

Mas não só: atendendo também ao lugar donde e para onde da escrita pascoaesiana, defende uma tese:

“A escrita pascoaesiana é um lugar de fusão, de indistinção entre religião, literatura e filosofia, porque é entendida e praticada como uma religião especificamente portuguesa”.

E explica: “A concepção pascoaesiana do acto enunciativo é sacral. A escrita é entendida como um ofício divino e foi neste contexto que consideramos o termo inspiração como altamente operativo.”

E também justifica: “Pascoaes constrói uma mitologia e uma história da religião verdadeiramente originais. No contexto da Literatura portuguesa, assumindo sob esta designação um todo cultural onde cabem todos os géneros da escrita pascoaesiana, a sua obra abre um lugar que é a um mesmo tempo único, particular e universal de sentido. Esse sentido é inequivocamente religioso”.

Este sentido porém, não é simplesmente teórico, explicativo da realidade; é também prático, pois tem uma intenção ética, antropagógica e mesmo mítica:

“A obra pascoaesiana é uma arte de ser português, a revelação de uma devoção a Deus, por intermédio de uma Natureza transcendentalizada na imanência da Saudade, revelada sob os traços atlânticos e não mediterrânicos de Nossa Senhora ou da Virgem Imaculada. Escrita e religião identificam-se numa proposta ética exemplar que se assume como o projecto lusíada no contexto europeu: a imitação da Virgem.”

Segundo creio, a arte de ser português no tempo das grandes biografias, transformou-se em arte de ser homem universal, a caminho de um Reino espiritual, em que o povo português teria um papel messiânico, conduzido pelos poetas que são os seus profetas.

Esta interpretação de fundo é desenvolvida neste ensaio, metodicamente, numa análise selectiva de textos. A poesia foi o ponto de partida e a ela é dedicada toda a primeira parte, aliás a mais extensa, ocupando dois terços da paginação – é o lugar da Literatura; considera, depois, os textos em prosa, especialmente os ditos doutrinários, e a própria exegese de Pascoaes acerca da sua poesia, referindo-se em particular ao Homem Universal – e é este o lugar da Filosofia; finalmente, a última parte, intitulada o lugar da Religião, é dedicada ao estudo das biografias dos santos e às últimas conferências.

A interpretação é exarada num discurso de grande rigor conceptual, riqueza de linguagem, segurança e propriedade técnica dos termos nos domínios da teoria literária, da filosofia e da teologia cristã; utiliza frequentemente, na sua exegese, o confronto com os principais críticos da obra pascoaesiana, revelando uma ampla informação da bibliografia sobre ela.

O último capítulo da terceira parte e, portanto, de todo o ensaio intitula-se “Profecias”; subdivide-se nos seguintes parágrafos: A enunciação como mistério; Pascoaes e o seu Duplo: Apóstolo de Cristo ou da Virgem?; Destino messiânico: a imitação da Virgem.

O poeta aparece aqui primacialmente como arauto e profeta da nova religião da Saudade, “nova religião resgatada à anunciada (e nitzscheana) morte ocidental

de Deus e do Homem”. O seu duplo é S. Paulo, o apóstolo de Cristo; mas ele Pascoaes é o apóstolo da Virgem, da Saudade revelada e anunciada para o futuro. Por isso, é seu profeta.

Ao terminar o 2º capítulo desta última parte, “Anamorfozes ou o Processo das Biografias”, a autora interroga-se: “Será Pascoaes herético? Gnóstico? Anticristão?” E continua, respondendo: “Como profeta assumido, Pascoaes propõe, ou antes, como S. Paulo, São Jerónimo ou Santo Agostinho, anuncia a sua interpretação não apenas do cristianismo, mas do arquétipo da Virgem-Mãe. Esta anunciação traduz uma visão, não do passado ou do presente, mas do futuro.”

3. Baseado em muitos lugares da sua obra, mas sobretudo no último inédito de Pascoaes publicado em 2004, intitulado “Cartilha”, ou segundo outra interpretação, intitulado “Jesus” com “Cartilha” em subtítulo, que é o seu Credo final ou testamento espiritual, pois foi escrito em Outubro de 1952, dois meses antes da morte, atrever-me-ia a responder:

– herético, sim, como ele próprio reconhece ao interpretar o Novo Testamento “talvez hereticamente para o catolicismo tradicional”;

– gnóstico, sim, pois nesta tradição doutrinal pagã está a matriz de todo o seu pensamento ou teoria poética, filosófica e teológica: foi à luz do paganismo antigo e moderno que interpretou o cristianismo, reduzindo a revelação histórica de Deus no Velho e no Novo Testamento a uma iluminação interior, pessoal, naturalista, irracionalista e mística, como emanação da Divindade, identificada com a Natureza em evolução reintegradora; gnóstico, pois, mas moderno, quer dizer, pós-cristão e pós-hegeliano;

– anti-cristão, sim, nas suas próprias palavras, mas não antijesuítico, pois distingue entre cristianismo – a religião de Cristo ou do Senhor e dos escravos, e jesuitismo – a religião de Jesus ou do Amor e dos Irmãos; se quisermos anti-cristão, porque super-cristão, enquanto propugna um cristianismo ideal do amor e da fraternidade, do Espírito e da liberdade, que superaria o cristianismo histórico, institucionalizado numa Igreja imperialista e dogmática.

Foi Pascoaes profeta? Profeta, sim, mas de uma nova religião, gnóstica, pagã, com base num dualismo ontológico e teológico, tendo como mito e metáfora a Saudade, que se formaliza na adopção do princípio de contrariedade, como primeiro princípio da mente e do ser: “A é A e não A”; cada coisa é ela mesma e o seu contrário. E este princípio é aplicado a todas as coisas e a Deus, que também é ele mesmo e o seu contrário ou Satã. Nem o ateísmo o salva do dualismo e da metamorfose em Deus, que, por isso, nem é absoluto, nem infinito, nem Ser puro.

E tenho de ficar por aqui. De contrário, poderá alguém julgar que já não precisa de ler o livro, pois ficou a conhecer o seu conteúdo. Mas não é verdade. Quem não estudou ainda a obra pascoaesiana, tem aqui uma boa introdução, até com uma bibliografia completa de e sobre Pascoaes. Quem já se especializou e admira a obra do Poeta do Marão tem aqui um instrumento precioso de reflexão e aprofundamento. Felicito a autora, a editora e a Câmara Municipal de Amarante por terem proporcionado esta sessão.